



MEC/IBC/DTE/DDI
ANO IV
NÚMERO 21
MARÇO/ABRIL 2017

BOLETIM

Centro de Estudos e Pesquisas do Instituto Benjamin Constant

Divisão de Pesquisa, Documentação e Informação

Ampliando o leque de diferentes profissionais que trabalham no IBC, atendendo pessoas com deficiência, convidamos para a entrevista desta edição no “Trocando ideias”, Carolina Bório Dode, cirurgiã-dentista do IBC, para falar sobre sua experiência e percepção acerca da inclusão de pessoas com deficiência na escola e sociedade nos dias de hoje.

Nesta edição, O “Saiba mais” apresenta alguns estudos sobre a saúde bucal, em relação à higiene e condição gengival das pessoas com deficiência visual, o conhecimento dessa população em relação a isso e um panorama da odontologia para pessoas com DV na América Latina.

Mantenha-se informado sobre as pesquisas que ocorrem no momento no instituto, lendo “E no IBC”.

A seção “O que há de novo” visa informá-lo sobre as novidades que facilitam a vida da pessoa na esfera da deficiência visual.

Na coluna na “Cultura para todos verem”, o texto do professor Flávio Antonio de Souza França, “Nascendo para o que se pode ser”, apresenta uma sinopse envolvente do documentário, nos provocando a assistir o mesmo.

Para aqueles que desejam conhecer um pouco melhor o Instituto, a seção “Conhecendo o IBC” esclarece como funcionam as várias divisões dentro de cada departamento. Esta edição fala sobre a Divisão de Pesquisa e Atendimento Médico, Odontológico e Nutricional (DPMO), voltada às atividades de clínica médica, oftalmológica, odontológica, enfermagem, fisioterapia, terapia ocupacional clínica e nutrição, chefiada por Rogério Neurauter.

E, finalmente, na coluna “Divulgando”, um panorama dos eventos, encontros e novidades, visando à inclusão, especialmente na área de deficiência visual.

TROCANDO IDEIAS

A Odontologia e o Deficiente Visual: um Trabalho de promoção da Saúde

Carolina Bório Dode é a Cirurgiã-Dentista responsável pelo setor de Odontologia do Instituto Benjamin Constant. Especialista em Endodontia e Mestre em Odontologia, com área de concentração Clínica Odontológica/ Saúde do Adolescente pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, atua em projetos de educação em saúde e na clínica odontológica, com ênfase em saúde da criança e do adolescente.

1- Conte-nos um pouco sobre sua trajetória na odontologia do Instituto Benjamin Constant.

Iniciei minhas atividades no IBC em 2013, primeiramente, direcionando o trabalho para o conhecimento da realidade dos alunos e da Instituição. A partir de 2014, em parceria com a Faculdade de Odontologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, iniciamos o desenvolvimento de pesquisas e de projetos de extensão que hoje juntamente com os atendimentos clínicos norteiam o trabalho da Odontologia dentro da Instituição.

2- Como se deu sua escolha profissional pela área da Deficiência Visual e o que a motivou a se dedicar a esse campo?

Na época da graduação, despertei para a Odontologia para Pacientes com Necessidades Especiais durante a participação em projetos de extensão em centros especializados. Alguns anos após, ingressei como Odontóloga do Instituto Federal Farroupilha/RS e convidada a participar do Napne (Núcleo de atendimento às pessoas com necessidades específicas), passei a ter contato novamente com esse universo, através dos projetos desenvolvidos por esse grupo, que englobavam questões envolvendo a deficiência visual. Posteriormente, a possibilidade de integrar a equipe do IBC consolidou minha escolha. A motivação é alimentada pelo desejo e crença de que é possível proporcionar uma Odontologia de qualidade pautada nos princípios da promoção de saúde a essas pessoas que enfrentam grandes dificuldades de acesso aos serviços públicos de saúde. Soma-se a isso, a oportunidade e o desafio de pesquisar e produzir conhecimento em benefício dessa população.

3- O que você destacaria como importante em relação ao trabalho com o deficiente visual?

Acredito que o mais importante em relação ao trabalho com o deficiente visual seja proporcionar o desenvolvimento de mecanismos que lhe permitam perceber e manter sua saúde, estimulando a autonomia para o autocuidado.

4- Quais são as especificidades do atendimento de pessoas com cegueira e baixa visão e os aspectos que devem ser considerados?

As principais especificidades relacionam-se ao manejo do paciente. São de extrema importância a fala e a percepção do ambiente do consultório. As consultas iniciais devem ser de ambientação, para que os alunos conheçam os equipamentos e instrumentais utilizados. Após o exame, é importante determinar um plano de tratamento individualizado e adaptado para realidade de cada paciente.

5- Você poderia apontar algumas facilidades e/ou dificuldades na sua prática diária, assim como os desafios encontrados?

O grande desafio é trabalhar com a filosofia de promoção de saúde dentro do novo conceito de saúde bucal proposto em 2016 pela FDI (World dental Federation), pois fomos ensinados a entender saúde como ausência de doença. Isso implica em mudança de hábitos, o que é muito difícil. Esses modelos sugerem transformações nas práticas clínicas, nas políticas públicas e nas pesquisas, buscando proporcionar uma melhora na qualidade de vida através de um olhar ampliado para a saúde, levando em conta o estado físico, mental, social e as demandas do dia-a-dia de cada comunidade.

6- Sua pesquisa de mestrado foi sobre condições de saúde bucal em crianças e adolescentes DV. Quais particularidades podem ser destacadas em relação à saúde de crianças e adolescentes DV?

Durante o desenvolvimento da pesquisa, ficou evidente que além das causas inerentes às patologias, a condição de saúde bucal insatisfatória, relacionava-se também com a barreira imposta pela limitação visual, na qual o indivíduo tem dificuldades em inspecionar sua própria higiene e verificar alterações em sua cavidade bucal. Contudo, pode-se observar, que os alunos através de treinamento, motivação, informação e com técnicas adequadas, podem desenvolver sua percepção tátil em prol de sua saúde.

7- Durante seu trabalho no IBC você consegue perceber mudanças nos hábitos dos alunos antes e de-

pois de fazerem acompanhamentos regulares na odontologia?

Sim. Percebemos mudanças, ainda pequenas, em relação à demanda de exames e consultas, na procura por informações referentes à saúde bucal e na procura por materiais de higiene. Com relação à demanda de exames e consultas, observamos que muitas vezes os próprios alunos cobram dos responsáveis que agendem suas visitas anuais ao consultório. Além disso, constatamos um aumento nas solicitações de kits de higiene contendo pasta, escova e fio dental fornecidos pela escola. Essa mudança de hábitos é mais evidente naqueles alunos que ingressaram no IBC na estimulação precoce e realizam desde então o acompanhamento. Com isso, além da manutenção na condição de saúde bucal satisfatória, cria-se um vínculo de confiança entre a equipe de Odontologia e os alunos.

8- Como se encontram as pesquisas no Brasil na área da odontologia e deficiências?

Ainda existem poucos estudos na literatura nacional relacionando a Odontologia e deficiências. Estudos sobre deficiência visual são ainda mais escassos. Acredito que essa realidade possa mudar, pois desde 2001, o Conselho Federal de Odontologia reconhece como especialidade a área de Odontologia para Pacientes com Necessidades Especiais, o que fortalece a formação de profissionais e os estudos nessa área.

9- O que essa experiência no atendimento do deficiente visual, trouxe para sua vida pessoal ou profissional?

A Odontologia vive a era da estética e dos grandes avanços tecnológicos, extremamente indispensáveis e relevantes. Dentro desse contexto, descrevo a experiência no atendimento aos DV como um resgate da minha essência enquanto profissional de saúde, com o papel de contribuir para que os alunos vivam em um ambiente saudável, entendendo que a saúde bucal não está dissociada da saúde geral e nem de condições sociais, econômicas e sanitárias que as permeiam.

10- Para finalizar, deixe alguma mensagem de incentivo, e/ou um conselho, e/ou sugestão, para os profissionais que atuam com deficientes visuais.

Gostaria de deixar um conselho aos profissionais e aos alunos de graduação que desejam desenvolver trabalhos com deficientes visuais. Estejam aptos a aliar seus conhecimentos técnicos, indispensáveis para o desenvolvimento de tratamentos de qualidade, ao conhecimento científico, que está em constante evolução; trabalhar em equipe multiprofissional, pois os projetos em saúde são bem sucedidos quando os profissionais se unem em prol de um objetivo comum e pautar seu trabalho dentro de uma filosofia de promoção de saúde.

SAIBA MAIS

1) Pesquisador: Ilzeny Patricia Alves de Paiva
Título da Pesquisa: Avaliação das condições de saúde bucal de uma população com deficiência visual no município de João Pessoa. 28/02/2014
Tipo de Pesquisa: Dissertação
Instituição de Ensino: Universidade Federal da Paraíba / João Pessoa

Resumo: A deficiência visual atinge parcela significativa da população mundial, tendendo a crescer o número de pessoas vivendo com essa condição. Contudo, na Odontologia poucos trabalhos têm sido realizados com essa população, e o impacto dessa deficiência sobre a saúde bucal não foi completamente esclarecido. O objetivo do presente estudo foi avaliar as condições de saúde bucal e seus determinantes em uma população de pessoas com deficiência visual no município de João Pessoa - PB. Quarenta

usuários do Instituto dos Cegos da Paraíba Adalgisa Cunha participaram da pesquisa, sendo submetidos à aplicação de dois questionários e posteriormente examinados clinicamente. Os dados foram processados no programa SPSS 13.0, e analisados através de estatística descritiva. A média de idade foi de 36,3 anos, e a maioria dos pacientes (62,5%) foi do gênero masculino. Em relação ao tipo de deficiência, 55% têm cegueira e 45% apresentam baixa visão. Indivíduos com deficiência visual congênita representaram 57,7% da amostra. 50% dos indivíduos acham que os dentes não duram a vida toda, e 82,5% não sabem o que são placa dental, placa dentária ou biofilme dentário. 77,5% apresentaram DTM leve, moderada ou severa. CPO-D médio foi de 13,60 e a higiene oral após escovação foi considerada regular (IHOS médio = 1,21). Observa-se a necessidade de medidas específicas de



educação e promoção em saúde que colaborem para que essa população alcance melhores níveis de saúde bucal e geral.

2) Pesquisador: Julice Caroline Soares de Lima Silva

Título da Pesquisa: Avaliação da higiene bucal e condição gengival em deficientes visuais. 21/02/2015

Tipo de Pesquisa: Dissertação

Instituição de Ensino: Centro de Estudos Superiores de Maceió

Resumo: A deficiência visual é um dos problemas significativos que afetam a população mundial, o que gera dificuldades em diversas áreas, como o autocuidado. Deficientes visuais tendem a passar por dificuldades na higiene bucal e a restrição visual pode levar a higiene bucal inadequada e, por conseguinte, acúmulo de biofilme dental, doença periodontal e cárie. Os objetivos deste trabalho foram caracterizar a condição de higiene bucal dos deficientes visuais estudados, utilizando os índices de sangramento e placa visível; conhecer o perfil epidemiológico e as causas de cegueira dos portadores de deficiência visual que compõem a população a ser estudada; identificar, por meio de exame clínico, as condições de saúde bucal na população de deficientes visuais; atentar para a necessidade do cirurgião-dentista e do intercâmbio deste com os professores e demais profissionais da área de saúde na promoção de saúde por meio de divulgação dos resultados do trabalho junto à direção da escola; e auxiliar na implantação de estratégias educacionais em saúde bucal, direcionadas aos sujeitos do estudo mediante parceria da escola com os alunos da Graduação em Odontologia do CESMAC. Tratou-se de um estudo transversal, observacional e analítico, realizado na Escola Estadual de Cegos Cyro Accioly, após aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa do CESMAC (Parecer 618.422/14). Foram utilizados o Teste Exato de Fisher, Teste de Mann-Whitney, ANOVA e Análise de Regressão Linear, com nível de significância de 0,05 e Intervalo de Confiança de 95%. Piores índices de higiene bucal foram diretamente proporcionais à idade dos indivíduos ($p=0,01$) e relacionados à presença de queixas bucais ($p=0,01$). Não houve correlação significativa com gênero, tempo de cegueira, hipertensão, diabetes, atividade educativa e tipo de cegueira. A presença de sangramento gengival foi associada a queixas odontológicas ($p=0,01$). A média do índice de placa foi de 63%, levando-se a classificar a saúde bucal dos indivíduos como péssima. A média do índice de sangramento foi 29,1%. 69,69% dos indivíduos nunca escovaram os dentes com um dentista, 75,75% não sabiam o que era placa dental e 69,69% não sabiam o que era gengivite. Dessa forma, é importante considerar a implantação de estratégias de saúde bucal em deficientes visuais, como a população estudada, a fim de evitar ou minimizar perdas dentárias, cáries e inflamação gengival, promover melhor qualidade de vida e cumprir os requisitos da

Atenção Básica na Rede de Cuidados à Pessoa com Deficiência.

3) Pesquisador: Luiz Paulo de Amorim Monteiro

Título da Pesquisa: O conhecimento dos deficientes visuais do ierc-rn em relação à saúde bucal. 4/12/2015

Tipo de Pesquisa: Trabalho de Conclusão de Curso

Instituição de Ensino: Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Resumo: A visão é uma das principais maneiras de interagir com o mundo. Em função desse déficit, os deficientes visuais desenvolvem mecanismo compensatório noutros sentidos como olfato, tato, audição e propriocepção. Este trabalho investigou o nível de conhecimento em saúde bucal de 33 deficientes visuais matriculados no Instituto de Educação e Reabilitação de Cegos do Rio Grande do Norte (IERC-RN), conhecendo experiências que essas pessoas vivenciaram durante atendimento odontológico. Trata-se de estudo transversal, quanti-qualitativo usando entrevista. O material textual obtido pelas perguntas abertas gerou um corpus processado pelo Software IRAMUTEQ. Nesse contexto, o IRAMUTEQ categorizou o corpus através da classificação hierárquica descendente em seis classes distintas. Nas classes emergiram temas como acessibilidade, nervosismo e ansiedade no atendimento odontológico. A análise de similitude e a nuvem de palavras, também geradas pelo software possibilitaram perceber as principais expressões utilizadas, suas dificuldades, além de conexões com a saúde bucal e o ambiente odontológico. As respostas das perguntas fechadas revelaram que a maioria dos entrevistados acredita que os dentes não duram para sempre, 90,09% escovam os dentes duas ou mais vezes por dia, utilizando principalmente escova e pasta, deixando o fio dental em segundo plano. Equívocos no conhecimento poderão ser superados pelo acesso a informação, criação de materiais educativos direcionados a essa clientela para enfrentamento das suas ansiedades e estímulo ao autocuidado. Paralelamente, a equipe de saúde bucal deve se preparar/capacitar para o atendimento desse segmento, pois pacientes com necessidades especiais exigem habilidades diferenciadas, muita sensibilidade e conhecimento profissional adequado.

4) Pesquisador: Aida Sabbagh Haddad; Elizabeth López Tagle; Vivian de Agostino Biella Passos.

Título da Pesquisa: Momento atual da odontologia para pessoas com deficiência na América Latina: situação do Chile e Brasil. Abr-jun/2016

Tipo de Pesquisa: Artigo de Revista

Instituição: Revista da Associação Paulista de Cirurgões Dentistas

Resumo: A saúde é um fator essencial para a qualidade de vida do ser humano. Baseado nesse fato a Convenção Internacional sobre os direitos das pessoas com deficiência da ONU aponta que as Pessoas em Situação de Incapacidade têm o direito de des-

frutar o mais alto padrão atingível de saúde sem discriminação; assim, o estado deve tomar as medidas adequadas para garantir seu acesso aos serviços de saúde. No Chile 20% da população adulta apresenta algum grau de deficiência, ou seja, aquela que em relação ao seu desenvolvimento físico, mental, intelectual, sensorial ou outras condições, mostram restrições à participação plena e ativa na sociedade. Quanto à distribuição por gênero, as mulheres apresentam maior prevalência de pessoas com algum grau de deficiência em relação aos homens. No Brasil, aproximadamente 24% da população brasileira (45.606.048 de pessoas) apresenta algum tipo de deficiência, pelo menos uma das deficiências investigadas, incluindo as deficiências auditiva, física, visual, intelectual,

E NO IBC ?

“Aspectos do desenvolvimento musical de alunos cegos identificados com sinais de talento na área da música” é o título da pesquisa para desenvolvimento da tese do doutorado elaborada por Márcia Gabriela Correia Ogando, professora de música do IBC e aluna do doutorado do programa de pós-graduação em Música do Centro de Letras e Artes da UNIRIO. Segundo a autora, essa pesquisa tem por objetivo “Conhecer os aspectos do desenvolvimento musical de alunos cegos identificados com sinais de talento na área da música” O período previsto para a pesquisa no IBC é de novembro de 2016 a agosto de 2017.

Bianca Navarro Marinho Meireles, aluna do doutorado do programa de pós-graduação Stricto Sensu em Ciências e Biotecnologia da UFF, realiza parte do desenvolvimento da tese intitulada “Materiais didáticos táteis inclusivos no ensino de alunos deficientes visuais e videntes e seus impactos na compreensão de temas biotecnológicos”. De acordo com a autora, sua tese deseja “Criar e avaliar estratégias que podem ser aplicadas para que os alunos videntes e deficientes visuais consigam aprender e correlacionar temas de biotecnologias ao seu cotidiano”. O período previsto para a pesquisa no IBC é de julho de 2016 a março de 2017.

Erika Pinheiro Gomes Cavalcante, aluna do

transtorno do espectro autista, ostomias e mobilidade reduzida. Desses indivíduos, 25.800.681 de pessoas (56,5%) são mulheres e 19.805.367 (43,5%) são homens. De acordo com o estudo da situação global da pessoa com deficiência, a saúde bucal geralmente é ruim e o acesso a cuidados odontológicos é limitado. No Chile e no Brasil, cárie e doença periodontal, estão dentro das patologias orais de maior prevalência, que aumentam com a idade e que surgem de forma desigual, afetando principalmente população de periferia e de baixa renda. Assim, tanto o Chile como o Brasil têm desenvolvido projetos que visam contribuir para que a pessoa com deficiência consiga ser atendida em suas necessidades específicas na área da saúde bucal. (AU)

O QUE HÁ DE NOVO?

Muito além do braille: como a tecnologia tornou a literatura mais acessível e interessante aos deficientes visuais

Vivem no Brasil, de acordo com o Censo Demográfico do IBGE, mais de seis milhões de deficientes visuais. A deficiência visual abrange várias condições oftalmológicas, entre elas a cegueira, que atinge pouco mais de meio milhão de brasileiros.

Em 1854, quase três décadas após a criação do alfabeto em braille pelo jovem cego Louis Braille, o país

teve sua primeira escola para deficientes, o Imperial Instituto dos Meninos Cegos, fundada pelo imperador Dom Pedro II. Após a Proclamação da República, o colégio passou a se chamar Instituto Benjamin Constant e, até hoje, é grande referência sobre o assunto no Brasil.

De alguns anos para cá, revolucionou-se o acesso



dos deficientes visuais à educação, à leitura e à tecnologia. A ex-professora de literatura e revisora braille do Instituto Benjamin Constant, Virgínia Vendramini, relata que desde a década de 1960, com a popularização dos gravadores em fita cassete, muitos têm substituído a leitura em braille pela leitura falada. Hoje, as bibliotecas providas de acessibilidade para cegos oferecem mais livros falados do que em braille.

A Fundação Dorina Nowill para Cegos estima que apenas 10% dos deficientes visuais sejam alfabetizados em braille no Brasil. Contudo, é preciso lembrar que o braille ainda é importantíssimo para a alfabetização de crianças e para a inclusão de cegos na sociedade. “A impressão de informações em braille nas embalagens de remédios e nos elevadores, por exemplo, foi uma grande conquista dos deficientes visuais. O cego que é alfabetizado em braille, mesmo que não o utilize para ler livros, é mais independente”, explica Virgínia. A modernidade trouxe aos cegos um outro sistema além do braille: o DAISY – Digital Accessible Information System [Sistema de Informação Acessível Digital, em português]. Ele une o que há de mais prático em usabilidade para que os cegos leiam, estudem e trabalhem em computadores, celulares e tablets. O DAISY é tido pelo Ministério da Educação – que inclusive adaptou o sistema e criou o MECDAISY – como principal parâmetro para publicações inclusivas. A matéria completa encontra-se em <https://goo.gl/gz0TZs>

CULTURA PARA TODOS VEREM

Por Prof. Msc. Flávio França

NASCENDO PARA O QUE SE PODE SER

“Atirei no mar, o mar vazou. Atirei na moreninha, baleei meu amor. Atirei no mar, o mar vazou. Atirei na moreninha baleei o meu amor”. São com esses versos repetidos e cantados por Maria, Regina e Conceição, que aqueles que assistem “A pessoa é para o que nasce” se sentem envolvidos com a história dessas três irmãs de Campina Grande, na Paraíba. Mas se isso nos parece familiar e conhecido na trajetória de tantos artistas nordestinos, torna-se secundário diante de uma peculiaridade para os que desconhecem as particularidades das deficiências visuais: Maroca, Poroca e Indaiá, apelidos das três irmãs paraibanas, são cegas de nascimento.

O documentário de 2006 não foi o primeiro registro da história das três irmãs. Há outros registros fílmicos delas em 1966, 1981 e 1999. Entretanto, nesse filme, a vida familiar, as angústias, alegrias e tristezas são compartilhadas por quem assiste, sem cair na armadilha da vitimização. Pelo contrário, as irmãs reconhecem as dificuldades que lhes são impostas, revelam-se para o diretor e retribuem a “invasão” de sua intimidade diária numa sinceridade desconcertante.

Com idades diferentes, a mais velha nasceu em 1943 e mais jovem delas em 1950, as três estiveram sempre juntas e isso fica muito evidente no relato de uma delas quando fala da intimidade de seu casamento e do convívio das outras duas irmãs na mesma casa. A chamada embolada de coco, um estilo musical próprio do nordeste brasileiro é um dos personagens que ligam as três protagonistas e vão além dos laços familiares.

Uma surpresa bem vinda no documentário é a participação de Maroca, Poroca e Indaiá no convite feito a elas para Perpcan 2000. Um festival de percussão em Salvador, Bahia, ocorrida no mesmo ano. Gilberto Gil, Naná Vasconcelos e Otto, músico pernambucano, ex-integrante do grupo Nação Zumbi, fazem reverência à qualidade musical do trio. A viagem mu-

sical segue rodando vários estados e termina em São Paulo. É interessante a percepção que elas fazem, na Avenida Paulista, da urbanidade da capital paulistana em contraste com a cidade que elas vivem. Em 2003, três anos após a turnê das irmãs, Roberto Berliner, o diretor do documentário, retorna à Campina Grande, e embora elas tenham conseguido comprar um imóvel melhor, elas estão de volta às ruas. Outro momento, outra saída? Que outras tessituras podem ser estabelecidas, que não àquelas de permanente risco à precariedade? Mesmo que uma reviravolta possa ser possível, e o filme acompanha essa reviravolta, fica o anseio, a angústia do por vir.

Embora o filme siga uma narrativa calcada nas falas de Maria, Regina e Conceição, outros coadjuvantes, como a filha adolescente, os amigos vizinhos, contribuem para reforçar o foco da perspectiva que as três estabelecem com o espectador no decorrer do filme. As questões do amor, do afeto e do desejo, são muito fortes e não são ignoradas pelo cineasta. Pelo contrário, ganham relevo e se sobrepõem o tempo todo. É o universo feminino se apresentando com sua força e delicadeza.

Numa escolha proposital de linguagem, alguns diálogos do filme, só aparecem com legendas em fundo escuro e com o áudio da voz de cada uma delas. Uma rápida incursão na cegueira? É muito provável, mas o documentário mantém uma narrativa formal com princípio, meio e fim tradicionais. O próprio título do filme, “A pessoa é para o que nasce”, em princípio meio fora de lugar, soando estranho aos nossos ouvidos, tem sua razão de ser. É uma reflexão dita por elas e que podemos entender numa das cenas em que Conceição fala das habilidades de uma pessoa, ou seja, o destino de quem nasce, ou melhor, da pessoa que nasceu para fazer aquilo. A vida delas é a embolada de coco: “Atirei no mar, o mar vazou. Atirei na moreninha, baleei meu amor. Atirei no mar, o mar vazou. Atirei na moreninha baleei o meu amor...”

CONHECENDO O IBC

A Divisão de Pesquisa e Atendimento Médico, Odontológico e Nutricional (DPMO), chefiada por Rogério Neurauter, promove o atendimento a todos os alunos e reabilitandos, no que tange as atividades de clínica médica, oftalmológica, odontológica, enfermagem, fisioterapia, terapia ocupacional clínica e nutrição.

O atendimento oftalmológico do Instituto Benjamin Constant, aberto também à comunidade, é reconhecido no Brasil inteiro por seu nível de excelência e seu plano de ação, alicerçado em três grandes eixos:

1- Assistencial: abrange consultas oftalmológicas, exames complementares, cirurgias e prescrição de recursos ópticos especiais;

2 - Prevenção à cegueira: essa ação é exercida através de projetos direcionados à saúde ocu-

lar da criança e à reabilitação visual de idosos cegos por catarata. Seus programas são desenvolvidos em parceria com o Conselho Brasileiro de Oftalmologia, o Lions Club Internacional e o Instituto Brasileiro de Saúde Ocular Helen Keller;

3 - Atividade acadêmica: voltada para a formação de oftalmologistas, coordenada pelo Centro de Estudos Morizot Leite – espaço destinado à pesquisa e disseminação do conhecimento técnico-científico, o qual serve de apoio ao Programa de Residência Médica, credenciado pelo Ministério da Educação, em 2001.

Na Coordenação de Baixa Visão, os alunos e reabilitandos com resíduo visual, tanto do Instituto Benjamin Constant como das escolas regulares, recebem os primeiros treinamentos para o uso dos recursos ópticos que têm como objetivo a melhoria no desempenho

funcional e educacional da visão.

O crescimento desse trabalho, desenvolvido por uma equipe formada de oftalmologista e professores especializados, motivou a implantação do Laboratório de Baixa Visão, onde alunos, reabilitandos e professores têm à disposição os recursos ópticos e não ópticos adequados à condição visual de cada um, permitindo-lhes cumprir com maior facilidade seus afazeres cotidianos. A equipe presta também consultoria a docentes das redes municipais e estaduais, no intuito de tornar mais eficiente o processo ensino-aprendizagem de alunos de baixa visão matriculados tanto nas escolas públicas quanto nas particulares.

Entre em contato com a DPMO pelo telefone (21) 3478-4426 ou (21) 3478-4411. Se preferir, envie e-mail para dpmo@ibc.gov.br. Fonte: <https://goo.gl/b3VC73>

DIVULGANDO

ABERTAS AS INSCRIÇÕES PARA O I ENCONTRO DE BAIXA VISÃO DO IBC

O Encontro acontecerá com o VIII Congresso da Sociedade Brasileira de Visão Subnormal, nos próximos dias 9 e 10 de junho, no Instituto Benjamin Constant. Os dois eventos são voltados a um público multidisciplinar, com foco no atendimento às pessoas com baixa visão, como: oftalmologistas, professores, fisioterapeutas e etc. A abordagem oftalmológica na baixa visão, o emprego de auxílios óticos, não-óticos e eletrônicos, a importância das técnicas de orientação e mobilidade na vida da pessoa com baixa visão e muitos outros temas serão debatidos no evento. Os interessados em participar dos dois eventos têm até o dia 24 de maio para se inscrever. Servidores e ex-servidores do IBC, assim como professores das redes públicas de ensino devem fazer sua inscrição pelo formulário <https://goo.gl/kLNnfs>; já os demais participantes devem se inscrever no site da Sociedade Brasileira de Visão Subnormal. Não serão aceitas inscrições nos dias do evento.

IV SEMINÁRIO CONECTANDO CONHECIMENTOS

O “IV Seminário Conectando Conhecimentos do Instituto Benjamin Constant” (IBC) convida a todos os interessados nas questões relacionadas à deficiência visual em suas múltiplas perspectivas, para participar do evento que acontecerá no dia 31 de maio de 2016, às 13h, no auditório Maestro Gurgulino (sala 251), no Instituto Benjamin Constant, Rio de Janeiro/RJ.

Essa edição terá como temática “Desafios na Formação e Capacitação de Professores da educação especial e inclusiva na Área da Deficiência Visual”. O Seminário está aberto ao público interno do IBC (alunos, professores e funcionários), bem como a estudantes de instituições educacionais públicas e privadas de ensino superior e demais interessados no assunto.



Para aqueles que tiverem interesse em apresentar sua pesquisa no formato de “comunicação oral”, dentro da temática do evento, acesse o site www.ibc.gov.br e leia o edital.

PALESTRANTES CONVIDADOS:

Prof. Dr. Allan Damasceno – UFRRJ

Profª Dra. Flávia Barbosa Dutra – UERJ

Profª Msc. Elise de Melo Borba Ferreira – IBC

As inscrições são gratuitas e através do email conectandoconhecimentos@gmail.com

VI CBE – CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO

“Educação e Formação Humana: práxis e transformação social”

<http://www.cbe-unesp.com.br/2017/#menu>

Em sua 6ª (sexta) edição, tem como objetivo debater, apresentar e divulgar o conhecimento produzido pelas pesquisas sobre políticas, programas e projetos de formação de professores, tanto na formação inicial, quanto continuada. O congresso será realizado nas dependências da UNESP, Câmpus de Bauru, entre os dias 26 a 29 de Julho de 2017, e tem como público alvo professores e estudantes de pós-graduação e graduação, professores da Educação Básica e demais profissionais e pesquisadores na área da Educação. Tradicionalmente o Congresso conta com a presença de pesquisadores brasileiros e estrangeiros que discutem diversos temas sobre Educação. Na programação estão previstos simpósios, mesas-redondas, minicursos e sessões de apresentação de trabalhos, bem como algumas sessões de cinema, lançamentos de livros e atividades culturais.

II SIMPÓSIO ALÉM DO OLHAR: FORMAÇÃO DE CONCEITOS E A DEFICIÊNCIA VISUAL

O simpósio será realizado nas dependências da Universidade Federal Fluminense/UFF, Auditório do bloco H do Campus do Gragoatá, em Niterói, RJ, no dia 11 de Agosto de 2017 de 8:00 as 17:00, e tem como público alvo: professores e estudantes de pós-graduação e graduação, professores da Educação Básica e demais profissionais e pesquisadores na área da Educação. Na programação estão previstos palestras, mesas-redondas, apresentação de pôsteres e do coral do IBC.

Mais informações faça contato pelo e-mail alemoolhar2017@gmail.com

ESPAÇO DO LEITOR

Caro leitor, sua participação é muito importante. Envie suas sugestões ou divulgações para o nosso e-mail: boletimcesibc@gmail.com.

EXPEDIENTE

Direção Geral do Instituto Benjamin Constant
João Ricardo Melo Figueiredo

Gabinete do Instituto Benjamin Constant
Érica Deslandes Magno Oliveira

Departamento Técnico Especializado
Ana Luísa Mello de Araújo

Divisão de Pesquisa, Documentação e Informação
Naiara Miranda Rust

Centro de Estudos e Pesquisas
Edney Dantas de Oliveira
Fábio Garcia Bernardo
Mária Rita Campello
Naiara Miranda Rust
Rachel Maria C. M. de Moraes

Comissão Editorial
Edney Dantas de Oliveira
Flávia Ferreira Pascoalino
Flávio Antônio de Souza França
Isabel Cristina Ribeiro de Mello
Wagner Dias Santos

Diagramação
Nicolas Caldeira Oliveira

Contatos: IBC-DDI

Avenida Pasteur, nº 350, Urca-RJ

Rio de Janeiro

CEP: 22290-240

tel. (21) 3478-4517

Email:

ddicentrodeestudo@ibc.gov.br

Remetente:



Instituto Benjamin Constant
Avenida Pasteur, nº 350,
Urca-RJ
Rio de Janeiro
CEP: 22290-240

Destinatário:

